

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: APRENDIZAGENS DA DOCÊNCIA E A “EDUCAÇÃO NO CHÃO DA ESCOLA”

Celso Santana Chaves D’Aguiar Petitinga*
Eduardo Oliveira Miranda**

1 O CHÃO DA ESCOLA E A PESQUISA

Por diversas vezes escutei ou li a expressão “Educação no chão da escola” e procurava de alguma forma compreender qual o verdadeiro sentido. Continuava a caminhar e cumprir os créditos obrigatórios e optativos da matriz curricular do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Nesse cenário, tive a oportunidade de me aproximar da educação básica através da condição de bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID.

Tal experiência oportunizou o meu retorno à escola pública, mas com o olhar que nada se assemelhava ao período que estive como aluno do ensino básico. O regresso trazia questões subjetivas próprias do ciclo formador da minha identidade docente, as quais foram intensificadas nas vivências do PIBID e acrescidas intensamente pelas etapas do Estágio Supervisionado em Geografia I, II, III e IV. Sobre a questão da identidade atrelada ao lócus de estágio evidenciamos a colocação de Buriolla (2001, p.13):

o estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade.

Portanto, se o espaço educativo é o responsável por forjar a identidade docente, cabe aqui expor que as práticas de observação, co-regência e regência foram construídas no

* Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Atualmente cursa o Bacharelado em Geografia – UFBA. E-mail: celsopetitinga@hotmail.com

** Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Discente do Doutorado em Educação na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Docente da Faculdade de Educação - FAGED/UFBA. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. E-mail: eduardomiranda48@gmail.com

Colégio Estadual Mario Costa Neto (Fig. 1), localizado no município de Salvador, Bahia. Territorialidade fecunda por permitir a articulação da práxis docente, assim como expor, mesmo que em escala singular, as dificuldades e alegrias proporcionadas pelo ser e se fazer professor.

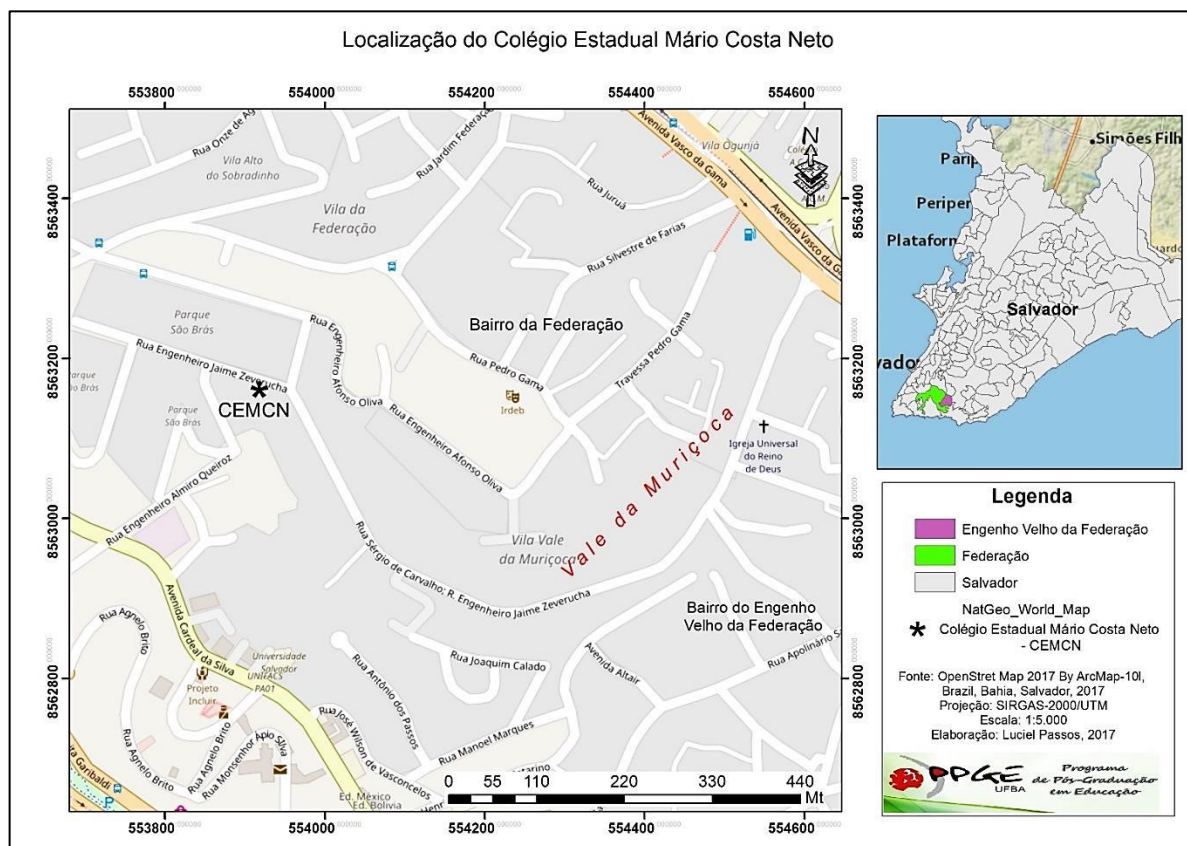


Figura 1: Localização da escola campo do estágio na cidade de Salvador-BA.

A partir disso, busco com a presente produção textual socializar de que forma venho compreendendo a expressão “Educação no chão da escola”. Adianto que nesse percurso a falácia “na prática a teoria é outra” não tem validade, visto que as bases de informações acessadas nas salas da graduação devem ser visualizadas como recursos e não como receita ou dogmas universais. Ou seja, cada escola representa um ecossistema rico em interculturalidades e oportunos de possibilidades, de inovações e acima de tudo de experiências diversas, já que:

A educação é também uma dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessitura de processos e de produtos, de poderes e de sentidos, de regras e de alternativas de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação e de identidades e de crises de identificados, de invenção de reiteraões de palavras, valores, idéias, e de imaginários com que nos

ensinamos e aprendemos a sermos quem somos [...] (BRANDÃO, 2002, p. 25).

Com isso, o nosso relato de experiência está dividido em três momentos (O que aprendi? Em que contexto? Como aprendi?) que dialogam por diversas vezes, mas que aqui foram divididos para alicerçar uma leitura agradável e didática.

2 O QUE APRENDI?

Primeiramente quero evidenciar que *o que aprendi* é algo singular, que muda de indivíduo para indivíduo, onde todos tem valor no meu aprendizado, professor, colegas de salas, família, funcionários e todos que fazem parte da minha rede de relações sociais, que em coletivo conduzem o meu olhar de pesquisador perante os acontecimentos encontrados no espaço escolar. Dessa forma, a pesquisa em Geografia e outras áreas da licenciatura estão se reinventando, como afirmam Albuquerque e Maia (2014, p. 25)

estamos nos profissionalizando; é possível observarmos esse processo a partir do tipo de publicação que estamos colocando no mercado, ou seja, em grande parte resultante de pesquisas de mestrado/doutorado, além daquelas resultantes de outros tipos de pesquisa.

Atualmente as pesquisas no âmbito da Educação Geográfica apresenta um número significativo no que tange à produção científica, evidenciando a preocupação de se trabalhar com as lacunas e potencialidades da educação básica.

O ensino formata um outro cenário acadêmico, há um aumento no incentivo e nas pesquisas, as quais apontam superações de práticas que não dialogam com a atualidade social. A mudança na forma de agir, pensar e construir a Educação Geográfica está nos motivando cada vez mais. Porém esse avanço não está em divulgação plena, como questionam Albuquerque e Maia (2014, p. 27): “Os nossos canais de divulgação das pesquisas têm sido suficientes para chegar à escola, atingir os professores e provocar debates e propostas de mudanças no Ensino de Geografia?”. A partir dessa provocação, bem como das minhas experiências no Estágio *aprendi* que há a urgência em criar uma forte ligação entre o que acontece na educação básica com as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Nível Superior. Tal constatação teve a sua concretização no “chão da escola”, onde verifiquei, por diversas vezes, imensa lacuna na relação escola-universidade.

Percebemos que nas universidades a Educação Geográfica apresenta relevância, porém quando falamos em educação básica, não temos a mesma resposta. Infelizmente as pesquisas

não chegam às escolas e por isso que o ensino de geografia parece parar no tempo, o que reforça o seu tradicional caráter conteudista e de memorização. Mais uma vez, *aprendi* “no chão da escola” que enquanto educador devo me ver como um ser que necessita de formação contínua, como aponta Gadotti (2000, p. 49): “É preciso pensar também o novo, reinventar o pensar, pensar e reinventar o futuro”.

A licenciatura ainda não tem a devida importância no meio acadêmico, os maiores investimentos são para as áreas técnicas e de tecnologias, as áreas de ensino sofrem pela falta de investimentos. *Aprendi* que a educação básica deve ser tratada como merece: respeito, competência e amor. Não podemos deixar de canalizar nossas dedicações, onde o professor não é uma figura mais importante e, sim, o conjunto é o fator mais importante.

Além disso, Albuquerque e Maia (2014, p. 36) elucidam a relação de extrema hierarquia entre o professor-aluno e as consequências no processo de escolarização:

Antes da década de 1920 o centro do debate metodológico sobre a Geografia escolar no Brasil era o processo de ensino, de modo que não se discutia a aprendizagem. Sabemos que esta relação é constituída por um par que se completa, porém, no passado isto não era evidente. É somente a partir dos debates introduzidos pelos escolanovistas apoiados na pedagogia intuitiva que este par dialético passou a ser compreendido como tal.

A principal figura de ensino era o professor, o detentor de todo o conhecimento e por isso as pesquisas de ensino eram voltadas para a sua relevância em sala de aula e pesquisa. Após intensas pesquisas na área da Educação, iniciou-se o processo de reequilibrar os papéis do educador e do educando no ato de ensino e aprendizagem. Se antes o ensino era fortemente pautado na centralidade do mestre, novos arranjos educacionais apontam que a aprendizagem do aluno só é efetivada na articulação entre os saberes acadêmicos com as bagagens experiências dos alunos. Nessa perspectiva, *aprendi* a não “desperdiçar as experiências” (SANTOS, 2002).

O profissional de licenciatura pode e deve atuar em diversas modalidades, ele elabora pesquisa enquanto professor, narra suas experiências vividas, produz artigos entre outros meios de comunicar as suas práticas educativas. O professor não deve somente se limitar em sala de aula, ele precisa procurar meios para melhorar suas habilidades de construção de ensino.

Outra questão que *aprendi* no estágio é conviver com narrativas e posturas emitidas por uma série de educadores que estão em sala de aula, mas que não acreditam na Educação, como aponta Fischamnn (1994, p. 62)

o estagiário pode esbarrar no contexto, em situações de desgastes, cansaço e desilusão dos profissionais de educação, nas condições objetivas da escola, muitas vezes invadidas por problemas sociais, cuja solução está longe de sua área de atuação.

Admito que não foi agradável conviver com educadores que de alguma forma verbalizavam em minha direção falas desmotivadoras. Mas, por outro lado, preciso reforçar que a professora Maria Lúcia de Souza Oliveira¹, responsável pelas turmas nas quais realizei os quatro momentos do Estágio Supervisionado, fez um grande diferencial, desde o primeiro momento que fomos apresentados até os instantes finais. São esses exemplos que trago como modelo de educador para referenciar a construção da minha identidade docente.

Por diversas vezes, ao longo desse relato de experiência me reporto às experiências na educação básica. Contudo, não posso negligenciar *em que contexto* o meu aprendizado se construiu. Trago a sala de aula da graduação, sobretudo o componente curricular de Estágio Supervisionado em Geografia. O acompanhamento em sala de aula, como graduando, possibilitou a troca de experiências e o conhecimento de novos conhecimentos na área da licenciatura. Pude construir uma experiência com o professor Eduardo Miranda, onde sua didática agregou bastante valor. Rompendo com as ideologias ocidentais, ao aplicar uma didática diferenciada, utilizando a roda de conversa como ferramenta para a transposição do conhecimento. Vale evidenciar que o docente utilizava muito das matrizes africanas de ensino, expandindo meu horizonte perceptivo. *Aprendi* que o ensino não é imutável, ele pode ser trabalhado de diversas maneiras, e pode ser utilizado para desconstruir conceitos que nos atravancam no tempo e na história.

Ainda, no que *aprendi*, elucido o ato de observar. No componente curricular de Estágio Supervisionado pude efetuar um trabalho de observação na escola. Tal trabalho possibilitou percepções novas, agregando valor sentimental, social, intelectual na estrada da licenciatura. Aprendi a contextualizar os conhecimentos construídos na disciplina de estágio com a realidade da observação. Essa interação com o meio cria um novo conhecimento:

a aquisição do conhecimento deve ser compreendida como um processo de autoconstrução contínua; a gênese do conhecimento é explicada através da função adaptativa dos sujeitos em sua interação com o meio. Esse processo ocorre por meio dos esquemas: são assimilados novos aspectos da realidade e, em caso de dificuldade de ajuste, ocorre o desequilíbrio necessário que suscita a modificação de esquemas, até que se chegue à sua acomodação (PIAGET, 1979 *apud* HERNANDEZ, 1998, p. 135).

¹ Professora efetiva da Secretaria de Educação da Bahia.

A regência, atuando em sala de aula configurou o doce sabor da profissão de professor. Por que doce sabor? Apesar de ter experiência em sala de aula, eu pude trabalhar tudo que foi construído durante o semestre, desde os textos discutidos nos momentos iniciais do Estágio Supervisionado, até as rodas de conversas com amigos e o professor.

Levei essa nova construção para a minha regência, podendo perceber melhorias gigantescas na minha atuação. Percebi que não sou um agente de transmissão, sou parte do todo, onde todos vão construir o ensino-aprendizagem, pois, é “o professor, que deve ter a preocupação de contribuir para desenvolver a capacidade, nele próprio e no aluno, de pensar, refletir, criticar, criar etc.” (CASTELLAR, 2005, p. 222).

3 EM QUE CONTEXTO APRENDI?

O contexto do meu aprendizado é muito amplo, diversas circunstâncias e ambientes ajudaram no meu processo de aprendizagem. Primeiramente, destaco a sala de aula, enquanto estudante. O colégio de observação e regência em estágio configura-se como cenário importante do meu processo de aprendizagem.

A sala de aula vai além de uma simples estrutura física, se bem explorada ela pode alcançar proporções colossais. Cabe ao professor saber explorar esse ambiente, e no meu caso foi muito positivo. Com as aulas diferenciadas, o meu processo de aprendizagem foi bem proveitoso.

4 COMO APRENDI?

O meu processo de aprendizagem foi muito prazeroso, quando se aprende da melhor maneira, a sua vida fica marcada positivamente. Primeiramente destaco elementos utilizados pelo docente de Estágio Supervisionado, tais como: analisar e compreender a potencialidade da turma; adequar a sua didática para atender as problemáticas apresentadas pelos discentes; fomentar o desejo pela discussão conceitual; preocupou-se com a visão de cada aluno; entender o educando como portador e produtor de saberes. Aprendi com meus colegas de sala, as trocas de experiências despertaram uma gama de potencialidades e identificações, e essas trocas de experiências de vida, auxiliaram nas modificações de certas visões.

O processo de observação também ajudou no meu aprendizado, observar pode ser uma grande construção de aprendizagem. Antes de realizar o ato de observar, tive que ter uma bagagem conceitual referente ao ensino, principalmente o ensino de Geografia. A regência

também auxiliou no processo de aprendizagem, foi o momento de tentar efetivar a práxis pedagógica. Confesso que essa experiência foi muito gratificante, pude ressignificar visões e hábitos inconsistentes. Coloquei em prática os conhecimentos que de fato se relacionavam com a realidade, pois o ensino tem que ser miscível com a realidade, e quando o mesmo se distancia da realidade, perde sua funcionalidade.

5 PARA FINALIZAR: EXPERIÊNCIAS QUE MARCAM

Por obrigatoriedade acadêmica temos que finalizar a produção textual do meu relato de experiência. Mas, antes de me despedir trago para vocês a imagem abaixo (Fig. 2) na qual tentei exprimir de forma artística parte do que os quatro momentos do Estágio Supervisionado em Geografia efervesceram na minha identidade docente.



Figura 2: Marcas identitárias. Autor: Celso Petitinga. 2016.

A imagem é um desenho elaborado por mim, a metade de um rosto coberto por desenhos que lembram as culturas africanas. Por que desenhei? As experiências de vida criam marcas na nossa alma, no nosso interior e também no nosso exterior. Essas marcas são consequências de diversas experiências únicas, e por isso cada risco tem sua forma singular. Só desenhei uma metade, pois, sempre iremos aprender algo novo, ou seja, as experiências

são infinitas. Existe infinitas sensações entre a vida e a morte, infinitas experiências. De fato as minhas experiências vão contribuir para a formação da minha identidade profissional.

E digo um até breve com o poema de minha autoria, cuja produção se deu nas experiências do Estágio Supervisionado em Geografia:

Quando entro na sala de aula
O professor logo avisa...
-deixa de preguiça!
-arrume a cadeira
- acorda pra vida!

Todo mundo enfileirado, fazendo fila
Todo mundo calado!

O professor parece um ditador
Não quer saber da minha vida,
Da minha história, da minha dor,
Ele parece um objeto, um rádio transmissor.

O assunto decoro todo,
Pareço um robô
Que no processo de mecanização,
Perdeu a razão
Apenas reproduzo o esdrúxulo.

Será que a educação vai ser sempre assim?
Quadro, cadeira, lápis e giz?
Até quando vai ser isso?
Será que vai ter fim?
A resposta é óbvia
SIM , SIM, SIM!!!!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. Martins; MAIA, Diego Corrêa. Ensino de geografia: um balanço histórico. In: Maia, Diego Corrêa (Org.). **O Ensino de Geografia em debate**. 1ed. v.1. Salvador: Editora da UFBA, 2014, p. 25-39.

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **O estágio supervisionado**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como cultura**. Campinas (SP): Mercado das Letras. 2002.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a05v2566.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

FISCHMANN, R. Redefinição do público e do privado: contribuição para a reflexão educacional. In: ALVES, M. L. **Escola: espaço da construção da cidadania**. São Paulo: FDE, 1994.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo em Perspectiva* [online], São Paulo, v. 14, n. 2, p. 03-11, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200002&script=sci_abstract> Acesso em: 27 abril 2017.

HERNANDEZ, P. Construindo o construtivismo: critérios para sua fundamentação e sua aplicação instrucional. In: ARNAY, J. (Org.). **Domínios do conhecimento, prática educativa e formação de professores**. São Paulo: Ática, 1998, p. 127-160.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, out. 2002. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Recebido em 27/07/2017.

Aceito em 13/02/18.